

A "INSCRIÇÃO FENÍCIA DA PARAÍBA".

Um documento apócrifo que há quase cem anos vem repercutindo nos maiores centros de paleografia do mundo.

GERALDO JOFFILY

No dia 13 de setembro de 1872, o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, naquela época instalado no próprio Palácio Imperial e tendo como Presidente o Visconde (depois Marquês) de Sapucahy, recebia, pelo correio, a seguinte carta:

"Senhor Visconde:

"Por ocasião de um transporte de pedras em minha propriedade de Pouzo Alto, perto da Paraíba, meus escravos trouxeram uma delas já quebrada em quatro pedaços; esta pedra apresentava numerosos caracteres que ninguém compreendia, eu os fiz copiar pelo meu filho, que sabe um pouco de desenho, e resolvi enviar esta cópia a vossa excelência, como presidente do Instituto de História e Geografia do Brasil, com a finalidade de saber de vossa excelência ou qualquer outra pessoa pode saber o que estas letras significam. Aproveitando minha vinda a esta Capital e como não tenha tido tempo de entregá-la pessoalmente a vossa excelência, eu a envio pelo correio.

"Afirmando minha grande consideração e respeito a vossa excelência, o atencioso criado e obrigado.

(Assinado) Joaquim Alves da Costa

Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1872" (1).

(1). — Ladislau Netto, *Lettre à Monsieur Ernest Renan à Propos de l'Inscription Phénicienne*, p. 8. Edité par Lombaerts & Comp. Rio de Janeiro, 1885.

A redação desta carta deixa transparecer que o seu autor era pessoa de instrução bem razoável e conhecia o Instituto Histórico e o nome do seu Presidente, sugerindo, ainda, que o seu remetente tinha uma “propriedade”, possuía “escravos” e dispunha de alguns recursos financeiros que lhe permitiam fazer uma “viagem à Capital” do País. Tôdas estas indicações tornavam bastante suspeitas as evidências de não ter êle revelado o hotel ou casa onde estaria hospedado no Rio de Janeiro nem ter indicado, com exatidão, onde ficava a sua fazenda ou propriedade, sem nada esclarecer a respeito do destino que teria dado aos pedaços da pedra, onde estariam gravados os caracteres, tão curiosos, que os mandara copiar. Se, realmente, se tratasse de um fazendeiro, proprietário de terras e escravos em qualquer das províncias do Brasil, seria relativamente fácil identificá-lo com os indícios de que se dispunha, bastando ver os registros de terras, listas de tombo dos escravos, atas de eleições e tantas outras anotações onde, fatalmente, seria encontrado o nome de Joaquim Alves da Costa, caso realmente existisse um proprietário de terras e escravos com êste nome. Tôdas estas providências foram tomadas, durante alguns meses, sem que se obtivesse o menor resultado, exatamente porque, como era de esperar, o remetente da carta procurava ocultar-se e por isso mesmo indicou, maliciosamente, a sua “propriedade” como “próxima da Paraíba”, quando existem, no Brasil, duas grandes regiões, muito distantes entre si, com igual nome.

Na verdade, a questão não era tão simples, nem poderia ter sido resolvida, como não foi, seguindo-se as indagações e verificações de rotina. Sem dúvida alguma, o autor da carta procurava ocultar-se. Êste ponto é de importância fundamental. Mas poderia ter êle dois objetivos para manter-se oculto: 1º). — não queria ser descoberto, porque se tratava de um refinadíssimo espírito zombeteiro, que se dera ao trabalho de forjar uma inscrição em caracteres antiqüíssimos; 2º). — não queria ser conhecido, porque pretendia especular com a sua descoberta, caso tivesse valor. No segundo caso, mais cêdo ou mais tarde a pedra teria que aparecer. Em qualquer hipótese, o remetente da carta era muito mais ardiloso ou conhecia bem melhor os caracteres antigos do que a maioria dos simplórios membros do Instituto Histórico do Brasil daquela época. Além destas duas hipóteses, restava ainda a diabólica suspeita de que algum membro do próprio Instituto Histórico tivesse forjado a carta e os caracteres, para depois decifrá-los e chamar as atenções sôbre si. Sob êste aspecto jamais se tomou qualquer providência. O que é certo é que, no mesmo envelope vinha um papel comum onde estavam desenhados, a lápis, em oito linhas, os caracteres aqui apresentados no anexo nº 1.

Logo no mesmo dia 13 de setembro de 1872, foi o suspeitíssimo documento entregue, com tôdas as formalidades de praxe, para apreciação do Dr. Ladislau de Souza Mello Netto, membro da comissão de arqueologia e etnografia do mesmo Instituto. Os membros do Instituto reuniam-se de quinze em quinze dias, muitas vêzes com a presença do próprio Imperador do Brasil, D. Pedro II, o qual se envaidecia de conhecer algumas palavras de hebraico e chegou a dar sugestões sôbre o referido documento (2).

Ladislau Netto nasceu na então Província das Alagoas (bem próxima à Província da Paraíba do Norte) aos 27 de junho de 1838. Estudou matemática na Imperial Academia de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e, ainda muito jovem, participou de duas comissões hidrográficas no Nordeste e em Minas Gerais. Graças ao Imperador D. Pedro II, obteve uma bôlsa de estudos na França, onde estêve a partir de 1864, tornando ao Brasil dois ou três anos depois, com o diploma de Doutor em Ciências Naturais pela Sorbonne. Conhecia razoavelmente o hebraico e tinha noções sôbre os escritos fenícios, não escondendo o seu exagerado entusiasmo a respeito das navegações fenícias pelas costas da América do Sul e defendendo, com ardor, a existência da Atlântida. Escreveu algumas dezenas de opúsculos, de 20 a 40 páginas, sôbre botânica, hidrografia, minas, índios, teoria da evolução, antropologia, arqueologia, etc. etc., vários dêles redigidos em francês e impressos em Paris, tratando, superficialmente, dos mais diversos assuntos. Em 1874, foi nomeado Diretor do Museu Nacional, esforçando-se ao máximo para dar alguma projeção a êste museu e iniciando a publicação dos seus Anais. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1894 (3).

Na verdade, a suposta descoberta de uma inscrição fenícia no Brasil, seria para Ladislau Netto uma rara oportunidade de ver o seu nome referido nos maiores centros de cultura do mundo, como acabava de ocorrer com Clermont-Ganneau, que havia descoberto, no vale do Jordão, em 1869, a famosa Stela de Mesa, rei de Moab (anexo nº 3). Não se pode esquecer que existiam alguns elementos para fazer supor que Ladislau Netto poderia ter planejado o aparecimento de um texto, apresentado como tendo sido copiado de uma inscrição encontrada em uma pedra que, na verdade, nunca existiu, tentando afirmar, com documentos falsos, sua obstinada teoria sôbre navegadores fenícios nas costas do Brasil. Os românticos conceitos expostos por Ladislau Netto, em uma de suas cartas a Ernest Renan, devem ser analisados com tôda atenção:

(2). — *Ibidem*, ps. 7, 16 e 35.

(3). — Sacramento Blake, *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Vol. 5º, p. 285. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1898.

“... Foi assim, venerável mestre, que fui encarregado de dar minha opinião sôbre êste curioso documento, e desde logo reconheci que fôra escrito em caracteres fenícios. No momento, tive a idéia de limitar minhas informações ao Instituto à simples declaração acêrca da natureza das letras, abstendo-me de qualquer outra intromissão neste caso, pois não me considero absolutamente um especialista em línguas semíticas.

“Mas — a inspiração é impetuosa — o caráter perfeitamente fenício destas letras, a côr local e as circunstâncias tão naturais do achado, o grande interêsse que havia despertado em mim, logo à primeira vista, um acontecimento cujo valor podia ser considerável para a História da América, tudo isso não podia deixar-me indiferente. E, além do mais, tudo o que se conhece sôbre a audácia e a intrepidez dos navegantes fenícios, como nos diz o Périplo de Hannon, como nos deixam presumir as tradições egípcias e gregas a respeito dos povos que habitavam a famosa Atlântida, sôbre a qual Solon havia ensaiado um poema. Pela memória e pela imaginação, eu fui levado a admitir uma grande verossimilhança com a existência da inscrição, cuja cópia tinha diante dos meus olhos. A própria ciência vinha ao meu espírito corroborar minhas suposições: as belas pesquisas a respeito das correntes oceânicas, especialmente no que se refere à corrente equatorial de Leste a Oeste... Tôdas estas considrações influíram bastante para me fazer crer na existência do monumento fenício, cuja descoberta se anunciava, ficando ao meu encargo decifrar a inscrição” (4).

Seis meses depois e sem que se tivesse notícia nem da pedra nem do remetente da carta anunciadora da suposta inscrição, Ladislau Netto apresenta a sua versão para o suspeito texto, em carta publicada no jornal *A Reforma* (Rio de Janeiro) de 2 de abril de 1873 e em artigo publicado no *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro) de 16 de abril de 1873. Em tôdas estas publicações, afirmava Ladislau Netto:

“Para traduzir a inscrição, estudei a língua fenícia e a hebraica, chegando à conclusão que a pedra é de algum rústico monumento erigido por fenícios da Sidônia, deportados ou foragidos do solo pátrio entre os anos nôvo e décimo do reinado de Hiran”.

Quanto ao sentido da mensagem, a versão divulgada por Ladislau Netto nos referidos jornais é bem semelhante às análises posteriores:

(4). — *Lettre à M. Ernest Renan, ob. cit.*, ps. 9-11.

“(1a. linha) — Foi erguida esta pedra pelos Cananeus *Sidônios*, que da cidade real a comércio saíram”.

“(2a. linha) — sem mim pela (?) remota terra montanhosa e árida escolhida dos deuses”.

“(3a. linha) — deusas no ano nono e décimo (décimo nono?) de *Hiran* nosso rei poderoso”.

“(4a. linha) — e saíram de o *Aziogaber* no *Mar Vermelho* e embarcaram gente em navios dez”.

“(5a. linha) — e estiveram no mar, juntos, anos dois ao redor da terra da *África* e foram separados”.

“(6a. linha) — do Comandante e se desligaram de seus companheiros e chegaram aqui duas vèzes (doze?)”.

“(7a. linha) — homens e três mulheres nesta costa ignota que eu servo de *Astarte* poderosa (*Mutuastarte* infeliz?)”.

“(8a. linha) — tomei em penhor. Os deuses e deusas tenham de mim compaixão” (5).

Como se vê, todos os nomes de personalidades, deuses e pontos geográficos poderiam ter sido copiados do *Livro dos Reis* da *Bíblia*:

“O rei Salomão armou uma frota em *Asiougaber* no *Mar Vermelho* e mandou nestes navios homens e marinheiros do rei *Hiran* com seus próprios *servos* (vs. 26/27). Os navios de *Hiran* transportavam de *Ofir* grande quantidade de madeira, ouro, margim, ébano, macacos e pavões (v. II, cap. X). Os *servos* de Salomão saíam pelo mar nos navios de *Hiran* uma vez em cada três anos (v. 22, cap. XI). Eles rendiam culto a *Asterthe*, deusa dos *sidônios* (v. 5/33, cap. XI)”.

No que se refere aos episódios da viagem, o texto da suspeita inscrição segue, exatamente, a deliciosa imaginação de Ambrósio Fernandes Brandão, nos seus *Diálogos das Grandezas do Brasil*, escrito na Paraíba, em 1618:

“Salomão fêz uma liga com Hiram, rei de Tiro, para mandar todos os anos de *Asiogaber*, pôrto situado no *Mar Vermelho*, uma frota de naus à região de Tarsis, declarando a Escritura que estas naus iam ao pôrto de Ofir... quem duvida que algumas naus de tal armada se desviassem e chegassem ao Cabo a que chamamos Santo Agostinho (bem próximo ao Estado da Paraíba) nesta terra do Brasil?” (6).

(5). — Reproduzido no *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro) de 17-8-1968.

(6). — Ambrósio Fernandes Brandão, *Diálogo das Grandezas do Brasil*, ps. 128 e 130. Edições de Ouro, Rio de Janeiro, 1968.

A constante incidência da Paraíba neste caso, é muito suspeita. Em todo território brasileiro, como em várias partes do mundo, existem milhares de pedras com sinais inexplicáveis, mas foi exatamente na Paraíba do Norte, onde a abundância desses sinais principiou a despertar as atenções de alguns observadores mais ilustrados.

Já em 1618, escrevia o referido Ambrósio Fernandes Brandão:

“Relatou-me o capitão-mor da Província da Paraíba, Feliciano Coelho de Carvalho, que aos 29 dias do mês de dezembro do ano de 1598, fazendo guerra ao gentio, topara com uma cova de pedra de treze até quatorze palmos e por tôda redondeza que fazia na face da pedra se achavam umas molduras que demonstravam, na sua composição, serem feitas artificialmente. Na face mais alta dela estavam cinqüenta mossas tôdas conjuntas, que tomavam princípio de baixo para cima, e no cabo dessas mossas uma rosácea... em um cotovelo que a pedra fazia, se demonstravam outras trinta e seis mossas... em uma pedra que se assentava em meio de duas estavam vinte e cinco sinais ou caracteres...” (7).

Logo depois do cristão-nôvo Ambrósio Brandão, o naturalista Elias Herckman, que governou a Capitania da Paraíba no domínio holandês, assinalou, em 1641, a existência

“de uma presumida inscrição em uma pedra nas margens do rio Paraíba do Norte, com figuras de animais, do sol, da lua e das estrelas” (8).

Com o passar dos anos, centenas de curiosos e alguns sábios (9) têm descrito e até desenhado êstes sinais, vários deles identificados e preservados. Muito embora não se possa encontrar a mais remota semelhança destes sinais não ideográficos com os caracteres do alfabeto fenício, não há dúvida que os precedentes das muitas pedras encontradas com sinais indicavam a Paraíba como a região do Brasil mais propícia para qualquer arranjo fraudulento.

Tantas e tão estranhas coincidências indicavam que o caso do suposto encôntro de uma inscrição fenícia na Paraíba deveria ser ana-

(7). — *Ibidem*, ps. 69-71.

(8). — Irineu Ferreira Pinto, *Datas e Notas para a História da Parahyba*. Vol. I, p. 58. Imprensa Nacional. Parahyba do Norte, 1908. A mesma referência é feita por Casparis Barlaei, *Rerum per Octennium in Brasilia et Atlinuper Gestarum, sub Praefectura Maurittii Nassovial*, p. 217. Amsterdam, 1647.

(9). — Entre outros: Frederico von Martius, *Reise in Brasilien*. Vol. III, ps. 1257-1262. Muenchen, 1831. E Charles F. Hart, *Brazilian Rock Inscription*. “American Naturalist”. Vol. V. Selem 1871.

lisado com a máxima reserva, mas Ladislau Netto não pensava dêste modo, apressando-se em remeter para os maiores centros de pesquisa do mundo a reprodução da suposta inscrição (anexo nº 1) e um *fac-simile* do seu trabalho, substituindo os caracteres fenícios por caracteres hebraicos, para em seguida decifrá-los (anexo nº 2).

Recebendo êstes documentos, com a chancela do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, órgão declaradamente prestigiado pelo próprio Imperador D. Pedro II, a *London Anthropological Society* publicou-o no seu *Proceeding* nº 39, de 1873, despertando as atenções dos maiores especialistas na matéria, os quais, muito embora sem ter conhecimento de tôdas as circunstâncias suspeitas no suposto achado dessa inscrição, negaram-lhe qualquer indício de autenticidade. Também a *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft*, v. XXVIII (1874), p. 481, publicou o *Facsimile der Inschrift von Parahyba*, igualmente rejeitada como falsa pela maioria dos especialistas.

No mesmo sentido, também escreveu Ladislau Netto a Ernest Renan (esta carta, talvez por ironia, tem a data de 1º de abril de 1873), que acusou o recebimento dos referidos documentos, deixando bem clara a sua opinião:

“... mettez-vous en garde contre les falsifications qui ont été offertes déjà par différents spéculateurs et sur divers points” (10).

Em carta de 3 de janeiro de 1874, Ladislau Netto prossegue na sua desenfreada autopromoção e envia os mesmos documentos ao prof. Wilberforce Eumes, Diretor da Biblioteca Pública de New York.

O *Nôvo Mundo*, revista brasileira editada em português no *New York Times* por incentivo de José Carlos Rodrigues, Diretor do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, homem de sólida cultura, em abril de 1873 já havia divulgado o aparecimento da cópia de uma inscrição fenícia na Paraíba, mas

“alertando a respeito do perigo das imposturas científicas e ponderando que se tornava necessário, antes de mais nada, conhecer a identidade do descobridor e o objeto descoberto”.

A mesma revista volta ao assunto no exemplar de 23 de abril de 1874, com novos esclarecimentos de Ladislau Netto, onde, pela primeira vez, admite ser a inscrição apócrifa:

(10). — *Lettre à M. Ernest Renan, ob. cit.*, p. 14.

“Era meu desejo completar este trabalho e publicá-lo com a discussão analítica de toda a versão. Acho, entretanto, que nada disso posso nem devo fazer, e tanto mais de tal me abstenho quanto maiores são agora, de dia par dia, as suspeitas que se me despertam de ser apócrifa esta inscrição” (11).

Como no Brasil daquela época não houvesse um centro de pesquisa de regular atuação, o momentoso caso da “Inscrição Fenícia da Paraíba” foi caindo no esquecimento, mas os centros de arqueologia e paleografia do resto do mundo estavam interessados na descoberta da tal pedra, onde estaria gravada a suposta inscrição, e neste sentido escreviam para Ladislau Netto, que resolveu encontrar um fraudador, mais uma vez anônimo, tentando fugir dos apuros em que se meteu com a seguinte “explicação”:

“O mistério que se fez em torno desse Joaquim Alves da Costa, a maneira utilizada para o envio da carta ao venerando Marquês de Sapucahy e, acima de tudo, a própria textura da inscrição, que lembra, na sua quase totalidade, alguns livros da Bíblia, tudo isso deixava-me desconfiado e transformou-se em forte suspeita com a opinião de muitos sábios que eu havia consultado, expondo minhas dúvidas”. (Na verdade, desde abril de 1873, os especialistas negaram qualquer autenticidade da inscrição, mas, nesta época, Ladislau Netto esforçava-se por apresentá-la como autêntica).

“Não hesitei mais (continua Ladislau Netto), resolvi fazer todo o possível para elucidar a questão, e senti que, se havia experimentado alguma satisfação em ter conseguido decifrar a inscrição, teria um prazer bem maior se conseguisse descobrir o seu autor. O meio de que me servi para isso, foi a comparação dos manuscritos de diversos orientistas, que eu julgava capazes desta fraude, com a carta original do pseudo Costa.

“Felizmente, enfim, veio cair em minhas mãos a prova irrecusável, tão ansiosamente esperada, durante tanto tempo. A fraude destacava-se da penumbra de dúvidas nas quais eu a pressentia e apresentava-se com tal clareza, que se formou em meu espírito a mais firme convicção.

“E qual seria o objetivo desta mistificação frustrada, que exigiu tanto trabalho? Não posso imaginar e não serei o primeiro a fazer suposições a este respeito! Se, como acredito, estas linhas caírem sob os olhos do sábio orientalista, ele verá que há muito tempo eu sabia do

(11). — Revista *O Novo Mundo*. Vol. III, p. 154, 1873; e Vol. IV, ps. 128 e 198, 1874. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

seu segredo, e se hoje tenho de recorrer a esta mesma imprensa, onde há mais ou menos dois anos apareceu esta comunicação, para agora desmascará-la, é que o caso, que no Brasil caía no mais profundo esquecimento, renascia a cada instante no resto do mundo e me chegam indagações da América do Norte, da França, da Alemanha, e da Inglaterra, onde um bom número de sábios ainda o discute e onde os jornais de arqueologia o reproduzem. O próprio caráter oficial em que me são dirigidas estas interpelações, partidas de tantas regiões diferentes, exige que eu diga a verdade sem qualquer fantasia, a fim de que o meu silêncio não me faça passar aos olhos de quem quer que seja como autor ou cúmplice de tão indigno subterfúgio” (12).

Como era de esperar, a propalada descoberta da fraude sem a indicação do nome do fraudador, a ninguém convenceu. Daí a última carta de Ladislau Netto a Ernest Renan, dez anos depois da “explicação” publicada no *Jornal do Comércio*, procurando ainda justificar a sua paradoxal atuação no caso da suposta “Inscrição Fenícia da Paraíba” e tentando recompor a notoriedade de que desfrutou. No mesmo ano, esta carta foi publicada em folheto escrito em francês (*Ob. Cit.*), contendo muitos períodos de autopromoção ou exibição de uma cultura superficial, o que seria desculpável, e levantando, perfeitamente, insinuações da mais alta gravidade, o que é imperdoável:

“Esta inscrição (diz Ladislau Netto) me causaria, verdadeiramente, mais dissabores e contrariedades do que o seu jocoso autor poderia jamais imaginar. De tôdas as partes da Europa e da América dirigiam-me uma chuva de pedidos de informações a respeito da inscrição. No meio desses dissabores e dessas lutas, eu me perguntava a mim mesmo: qual o paleógrafo deste país ou aqui residente, bastante versado em línguas semíticas e especialmente em fenícia, que teve a leviandade, a falta de escrúpulo ou a estupidez, não condizente com a sua cultura, de se dar ao trabalho de compor, após laboriosas pesquisas, uma tão longa inscrição? Por que se teria metido na árdua tarefa de inventar esta peça epigráfica? Se pretendia pôr em prova os conhecimentos do Instituto Histórico a respeito de filologia semítica, a experiência parece-me mal aplicada e de efeito bastante duvidoso, pois, exceto S. M. o Imperador, o qual, como o Sr. sabe, ocupa-se com certo sucesso de línguas orientais, nenhum dos membros desta Sociedade tem pretensão ao título de orientalista. O estudo de línguas não é o ponto forte do Instituto Histórico.

(12). — Ladislau Netto, Artigo no *Jornal do Comércio* de 8-5-75. Rio de Janeiro.

“De qualquer modo, eu me defrontava com uma destas velhacarias sem nome, indignas de homens eruditos, uma destas ciladas que eu teria o maior prazer em desmascarar e me sentiria honrado em denunciar. Para isto, recorri a um ardil muito desculpável: escrevi para cada uma das pessoas que residiam no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, e que se ocupassem de línguas orientais. *Haviam cinco: quatro estrangeiros e um brasileiro. Este, me era conhecido de longo tempo e sob mais de um aspecto; êle me era insuspeito. Eu conhecia mal os outros* (os grifos são nossos), eu me dirigi, portanto, a cada um dêles e lhes enviei uma cópia de minha interpretação, pedindo-lhes a opinião sôbre a natureza da inscrição e o meu ensaio de tradução. A cada resposta eu comparava, minuciosamente, a caligrafia com a da carta escrita três anos antes pelo suposto Joaquim Alves da Costa ao Marquês de Sapucahy.

“A resposta tão ansiosamente esperada chegou-me enfim, era sem dúvida do mesmo punho que havia escrito a antiga missiva. A emoção que senti ao ver êste documento precioso foi tal, que tive receio de acreditar no que meus olhos viam, apesar da evidência, clara e nítida, da perfeita semelhança entre os dois manuscritos. Custava-me ainda mais render-se a esta evidência, porque se tratava de um *homem diferente*, profundamente erudito e *cuja posição social respeitável impunha-me a maior circunspecção* e por esta *singular circunstância*, a maior reserva (os grifos são nossos).

“A Inscrição Fenícia da Paraíba era uma inscrição apócrifa. A evidência estava sob meus olhos, palpável, evidente, indiscutível! Mas o que poderia explicar esta bizzaria do comportamento humano? Ah! Permita que vos diga, illustre e caro mestre, eu senti, neste momento, a melancólica impressão, por assim dizer acre-doce, de quem desperta de um sonho delicioso para a realidade da vida. Uma indefinível tristeza em ver dissipado, como uma miragem, todo o valor dêste documento, que ainda me parece, apesar de minhas dúvidas, o único admissível para todos os efeitos, que poderia testemunhar a presença dos grandes navegadores da Antigüidade nestas costas do Atlântico. Muitas vêzes, quando surgiam dúvidas em meu espírito a respeito da autenticidade da inscrição, eu me dizia: *Se no e vero, e bene trovato*, pois, na verdade, eu ainda acredito, fortemente, que os fenícios e até os cartagineses fizeram viagens ao longo da costa ocidental da África...” (13).

Deixando de lado as insinuações de Ladislau Netto, pois o que importa é a identificação da inscrição e não tanto a identidade de quem teria praticado a fraude, o caso parecia definitivamente sepultado

(13). — *Ob. cit.*, ps. 14-19.

e sem maiores prejuízos, pois nenhum centro de pesquisa de maior renome havia aceito a “Inscrição Fenícia da Paraíba” como autêntica. Inesperadamente, porém, em 1967, caiu sob os olhos do professor Cyrus Hertzl Gordon, que dirige o Departamento de Estudos Mediterrâneos da Universidade de Brandeis (em Massachusetts, USA) a velha carta que Ladislau Netto enviara para o prof. Wilberforce Eumes, (ver fls. 7) com a reprodução dos caracteres da já esquecida Inscrição Fenícia da Paraíba. Cyrus Gordon, sem dúvida um estudioso de nomeada e com diversos livros publicados a respeito da língua urálica e do Velho Testamento, mas de imaginação um tanto fértil e propenso às divulgações sensacionalistas (14), analisou o texto apócrifo sem procurar informar-se de todos os detalhes acêrca do seu suspeito achado, chegando à surpreendente conclusão de que

“a inscrição era autêntica e teria sido rejeitada porque alguns caracteres ali constantes só teriam sido conhecidos em 1870”.

Na verdade, a suposta “inscrição” apareceu em setembro de 1872 (ver. f. 1), dois anos depois da Stela de Mesa.

Como era de esperar, a temerária suposição do prof. Gordon teve larga divulgação, sendo noticiada com alarde pouco científico pelo jornalista Walter Seager Sullivan, no *New York Times* e em reportagem de Douglas Matthews, na revista *Life* de 10 de junho de 1968. O Dr. Lienharid Oelekat repete o mesmo êrro palmar, logo no subtítulo de sua obra *Phonizier in Amerika*:

“Ficou comprovada a autenticidade da inscrição da Paraíba em caracteres sidônicos, descoberta em 1870”.

Repetimos, mais uma vez, que a suposta inscrição só foi aparecer em 1872! Assim, ressurgiu a velha questão da suposta Inscrição Fenícia da Paraíba, um documento apócrifo, sem a menor dúvida, mas colhendo ainda muitos incautos.

O Dr. Alb Van Den Branden, por exemplo, professor da Universidade St. Esprit Kaslik (Líbano), que se dedica ao estudo de lexicografia, autor de uma Gramática da Língua Fenícia, deixando-se entusiasmar pelas divulgações de Cyrus Gordon e desconhecendo muitas particularidades sôbre os antecedentes da suposta Inscrição Fenícia da

(14). — Notícia da United Press: “O prof. Cyrus Gordon informou ter descoberto provas de que os judeus que fugiram à ocupação romana no Oriente Médio, dirigiram-se para o Ocidente e descobriram a América mil anos antes de Colombo”. A fértil imaginação do prof. Gordon deve ser sempre examinada com alguma prudência.

Paraíba, dedicou-lhe um longo artigo publicado na revista *Melto* (Beiruth), nº III, do ano 4º, 1968, ps. 55 até 73, onde analisa tôdas as palavras e caracteres do *fac-simile* da suposta cópia, para chegar ao seguinte diagnóstico:

“Em reportagem sôbre a famosa Inscrição Fenícia da Paraíba (diz o prof. Brande), escreve D. Matews que a pedra sôbre a qual estava gravada esta inscrição foi encontrada em 1872 em Pouso Alto, estado da Paraíba, no Brasil, pelos escravos que aplainavam as terras de um certo Alves da Costa. O filho dêste último desenhou uma cópia. Esta cópia, enviada em primeiro lugar ao palácio do Imperador Pedro II, foi parar no Instituto Histórico do Rio de Janeiro e depois no Museu Nacional desta Cidade. A pedra, apesar de todos os esforços do Diretor do Museu, L. Netto, jamais foi reencontrada, e já em 1874, não se tinha mais nenhuma notícia do próprio Alves da Costa.

“O Dr. Gordon admite a autenticidade desta inscrição (diz Branden) e esta é a causa do seu texto ser praticamente perfeito, é pouco provável que um falsário tenha podido compor um texto semelhante. Nós estamos, igualmente, de acôrdo com esta opinião. O sábio americano pensa que se trata de um texto fenício, redigido em dialeto sidônio, nós somos de opinião que estamos diante de um texto escrito em um dialeto especial, no qual se percebe uma fortíssima influência hebraica. E isto nos parece uma prova a mais sôbre a autenticidade de nossa inscrição, porque somos de opinião que o conteúdo histórico explica, de modo bem natural, o emprêgo dêste dialeto...

“Nós estamos, ainda, de acôrdo que a estrutura gramatical do nosso texto pode ser rigorosamente comparado ao texto da Inscrição Moabita de Mesa...” (*ob. cit.*).

No que se refere ao aparecimento da suposta cópia, o prof. Branden guiou-se pelo relato sensacionalista do jornalista Mattews, o qual repete as informações capciosas de Ladislau Netto, em 1873, deixando de indicar as sintomáticas particularidades no suposto achado desta inscrição, que jamais havia sido aceita pelos especialistas.

No que se refere ao texto, todos sabem que, realmente, a “famosa” inscrição chamada Stela de Mesa, rei de Moab, (anexo nº 3), foi descoberta pelo orientalista Charles Clermont-Ganneau, em 1869, partida em quatro pedaços, dois anos antes do aparecimento da inexplicável cópia de uma Stela Paraibana. Em 1872, qualquer estudioso do Rio de Janeiro, e com maior razão o Dr. Ladislau Netto, poderia, facilmente, ter um *fac-simile* dos caracteres da Stela Moabita, amplamente divulgada e comentada pelas revistas francesas. Parece-nos, ao contrário do que pensa o Dr. Branden, que a semelhança de caracte-

teres e coincidência de datas é uma suspeita de fraude e não de autenticidade, não faltando o detalhe de se dizer, na carta que apresentou a suposta cópia da Stela Paraibana, que esta também teria sido encontrada partida em quatro pedaços.

Parece-nos, igualmente, óbvio, que o falsificador da Stela Paraibana, sabendo um pouco de hebraico e tendo algumas noções sobre os escritos fenícios, aproveitou-se de algum exemplar do Velho Testamento, escrito em hebraico, copiando as letras em caracteres fenícios e imitando o feitiço peculiar da Stela de Mesa (anexo nº 3). Em suma: fez exatamente a operação demonstrada no *anexo nº 2*, invertendo os movimentos, para obter o texto do *anexo nº 1*, inspirado em algum *fac-simile* semelhante ao *anexo nº 3*, bastante divulgado naquela época.

Frei Reginaldo Sá, nascido na Paraíba e que há mais de dez anos vem estudando história das religiões em Abbassiah (Cairo), a quem remetemos algumas informações sobre os antecedentes locais desta suposta inscrição fenícia da Paraíba, a seu pedido, acaba de nos dar as seguintes indicações, em carta de 3-2-71:

“Vi duas cópias, em caracteres hebraicos, da Stela de Mesa e uma reprodução da mesma. Não é nada impossível que ela tenha dado idéias a algum autor de descobertas. O século passado conheceu outros casos dessa espécie”.

“No V. XXXVII da revista *Orientalia*, 1968, p. 70, encontramos uma pesquisa sobre “*Tracing of Ladislau Netto's copy of the Parahyba inscription*”, seguida dos seguintes artigos: Pela sua autenticidade, Cyrus Herzl Gordon, — “*The authenticity of the Phoenician Text from Parahyba*” — ps. 75-80; e contrários a sua autenticidade, J. Friedrich, — “*Die Unechtheit der phönizischen Inschrift aus Parahyba*” — ps. 421-4; e F. M. Cross Jr's, — “*The Phoenician Inscription from Brazil. A Nineteenth-Century Forgery*” — ps. 437-60; Gordon replica em dois outros artigos publicados no mesmo número de *Orientalia*; — “*The Cannanite Text from Brazil*” — e — “*Reply to Professor Cross*”.

“Em *Mélanges de l'Université Saint-Joseph*, de Beirut, tomo XLV, 1969, foi publicado um artigo de Hartmut Schmökel, — *Randbemerkungen zur sogenannten Parahyba-Inschrift* — ps. 297-306, em que o autor relata as principais fases da história da inscrição, mostrando como em nenhum momento existiu um só argumento científico, ou simplesmente sério, em seu favor.

“No *Journal of Semitic Studies* (vol. XV, nº 1º, spring 1970), editado pela *Manchester University Press*, O. Eissfeldt faz uma análise do livro de L. Deleat, — *Phönizier in Amerika. Die Echtheit der*

bekanntgewordenen kanaanöischen (Altsidonischen) Inschrift aus Paraiba in Brasilien nachgewiesen. (Bonner Biblische Beiträge, XXXII), 1969, pp. VII — 53; I plate (Peter Hanstein Verlag, Bonn). Eissfeld critica a tradução de Deleat em vários pontos e em dados momentos recusa-se a segui-lo nas viagens criadas por sua imaginação. Êste nôvo advogado da inscrição (Deleat) não parece ter obtido maior êxito que o de seus predecessores (diz Frei Reginaldo)".

"Guardo para com a legendária pedra profunda gratidão, pois ela deu ocasião a esta troca de cartas e manteve assim o contacto com o caro amigo".

(Termina o nosso erudito amigo e conterrâneo Frei Reginaldo de Sá).

Quem tiver oportunidade de ler o raríssimo opúsculo de Ladislau Netto, intitulado *Lettre à M. Renan* (*ob. cit.*), perceberá, fâcilmente, que a "Inscrição Fenícia da Paraíba" foi um lôgro de projeção internacional, praticado pelo próprio Ladislau Netto, que até hoje tem o seu nome discutido nos maiores centros de paleografia do mundo.

Ladislau Netto diz

"ter descoberto o autor da fraude, comparando os manuscritos de cinco pessoas que se ocupavam de línguas orientais: um brasileiro, a quem já bem conhecia, e quatro estrangeiros, que mal conhecia", depois de afirmar "que S. M. o Imperador ocupa-se com certo successo de línguas orientais" (p. 16) e revela "que recebeu algumas anotações de S. M. o Imperador, que possui largos conhecimentos de hebraico e das línguas orientais em geral", (p. 35)

o que faz sem a menor ressalva, comprometendo, sèriamente, o nome do seu grande benfeitor, que lhe proporcionou estudos em Paris, condecorou-o com o título de Coselheiro e nomeou-o Diretor do Museu Nacinal. Tudo indica que a insinuação foi proposital, Ladislau Netto sabia que era preciso um argumento muito forte para justificar a sua posição de não poder revelar o nome do fraudador, que alardeava ter descoberto, pois era êle próprio!

O Imperador D. Pedro II tinha, de fato, a vaidade de conhecer alguma coisa de hebraico, mas, na verdade, conhecia apenas duas ou três palavras, e não saberia sequer desenhar uma inscrição fenícia. Note-se, ainda, que Pedro II tinha viajado para a Europa, em setembro de 1871, por ocasião do falecimento de sua filha Leopoldina, em Viena, só retornando ao Rio de Janeiro em 30 de março de 1872, tendo de enfrentar, exatamente naquele momento, a séria questão religiosa encabeçada pelo jovem bispo de Oliûda, D. Vital de Oliveira.

Diga-se, finalmente, que não há novidade alguma em nossas deduções, apontando Ladislau Netto como autor dessa fraude, pois sempre foi êle denunciado como tal e assim é retratado em um compêndio do princípio dêsse século, que tem o mérito de recapitular todos os “litóglifos” encontrados no Brasil:

“Uma pretensa inscrição fenícia, que se dizia ter sido encontrada perto da Paraíba, causou certo ruído no mundo científico, até que Ladislau Netto, *autor da mistificação*, se dispôs a revelar o embuste, pregado aos seus colegas do Instituto Histórico, numa carta redigida a Ernest Renan. O nosso celebrado arqueólogo era, aliás, vezeiro neste gênero de *logros científicos* e, de há muito, vinha descobrindo vestígios de fenícios em todo o Brasil. De início não faltaram crentes na veracidade da extraordinária inscrição fenícia, cujo desenho chegou a ser reproduzido em sizudas revistas européas e americanas. Não tardou, porém, em ser suscitado o embuste e acusado de mistificador o próprio Ladislau Netto, que procurou se justificar naquela famosa — Carta A Renan —” (15).

Em um artigo publicado no *Jornal do Recife* de 6 de outubro de 1887, M. Ferraz de Macedo acusa Ladislau Netto de se ter aproveitado de alguns trabalhos de Paul Lépine, responsável pela organização de alguns documentos da Biblioteca do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil. Em artigo publicado no *Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro) de 18 de janeiro de 1888, Ladislau Netto procura defender-se destas acusações, deixando, porém, de analisar o fato de que foi acusado para lançar sôbre Ferraz de Macedo e Lépine outras tantas acusações. Sôbre o mesmo caso, Ladislau Netto publicou um opúsculo de 24 páginas, com o título de *Quelques Verités Sur Un Diffamateur* (Paris, 1889), notando-se absoluta falta de dados concretos e abundância de auto-elogios.

Só por ter envolvido o nome do Imperador, não merecia ser êste caso reapreciado. A reunião de todos êstes dados tem a única finalidade de alertar os estudiosos, que tiverem suas atenções despertadas por algumas destas obras ou documentos espalhados pelas maiores bibliotecas do mundo, de que a tão propalada *Inscrição Fenícia da Paraíba* é, sem a menor dúvida, apócrifa.

(15). — Alfredo de Carvalho, *Prehistória Sul-Americana*, ps. 126-7. Recife, 1910.

ሃሳብ ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው
 ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው
 ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው
 ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው
 ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው
 ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው
 ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው
 ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው ለሰጠው

— 220 —

FAC-SIMILE DA INSCRIÇÃO

Lettre a Ernest Renan -- Ladislau Netto

Fig. 1. — Carta a Ernest Renan.

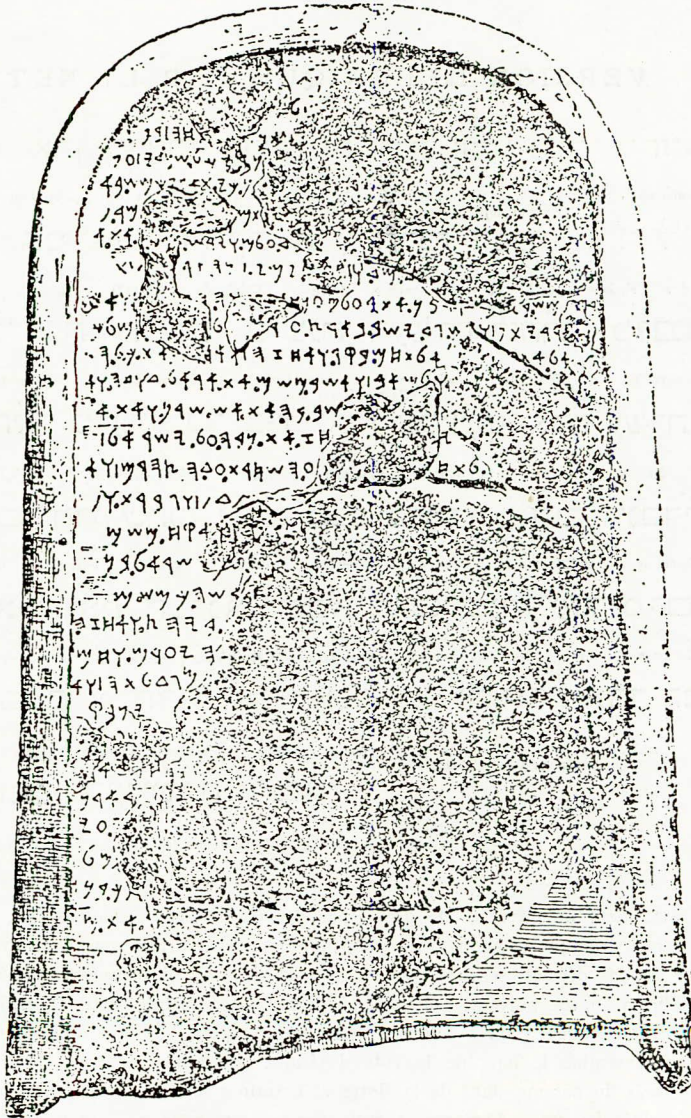
VERSION HEBRAÏQUE PAR L. NETTO

וַיֵּצֵאוּ אֲבוֹן בְּנֵעֵבֶם בְּיָמֵיכָם הַיְיָקָרָה יְהוָה טַלְדָּה טַחְחָה לְשִׁלְדָּה
sortirent à commercer: roi (du?) cité (qui de) la Sidoniens les Cypriotes (celle) de la mer
 לֹא אֲנִי... וְהִקָּה אֶרֶץ הָרִים רִנְשֵׁת בְּחַד לִי עֲלִינָם
Dieux des choisie aride et montagneuse terre l'éloigné (par?) moi s'éc-
 יַעֲלִינָם חֲשֵׁת בִּישָׁנָה רַעֲשֵׁת לְהָרִים טַלְבָּנָא אֲבָר
puissant notre roi, Hiram de dixième et neuvième l'année dans Déeses et
 וַיִּהְיֶה טַעֲצוֹן-נֹבֵר בִּי-יִסְסָף וַיִּנְסַעְעֵם אֲנִי עֲשֵׂרֶת וְנָחָה
sont restés et dix en navires le peuple levèrent et la mer rouge dans Asiongaber de partirent et
 בְּיָמֵי יַחְדוֹ שָׁתַם שָׁנָם סָבַב לְ-אֶרֶץ לַהִם וַיִּנְבְּדֵל טַיִיבָא
Élevé chef de furent séparés et l'Égypte de la terre de autour deux années ensemble et sur sa
 וַלֹּא-נָה אִתְּ הַבְּרָנָא יִנְבָּא הָלֵם שָׁנָם עֶסֶר טַחָם רַשְׁלֵשָׁתָא
trois - et hommes dix deux fois ici sont arrivés et (leurs) compagnes de s'éloignèrent et
 נִשְׁם בְּ-אִי חֲדָתָ אִשׁ אֲנִכִי טַחְעֲשֵׁתֶרֶת אֲבָד הַבְּלִתִּיא...
"ai prise" malheureux Metuastarte moi que iucanus (cette) côte dans femmes
 עֲלִינָם וַיַּעֲלִינָם יַחְנָא
sont pitié de moi les Déeses et Que les Dieux

ANEXO Nº 2

Ce monument de pierre a été dressé par des Cananéens Sidoniens qui, pour aller fonder des comptoirs en pays éloigné, montagneux et aride, sous la protection des dieux et des déesses, se sont mis en voyage dans la dix-neuvième année du règne d'Hiram, notre puissant roi. Ils partirent d'Asiongaber, dans la mer des Joncs (la mer Rouge), après avoir embarqué les colons sur dix navires et ils naviguèrent ensemble le long de la côte d'Afrique pendant deux ans. Ils furent ensuite séparés du commandant de la flotte et entraînés loin de leurs compagnons. Ils sont arrivés ici douze hommes et trois femmes sur cette côte inconnue, dont moi, le malheureux Méto-Astarté (serviteur de la puissante Astarté) ai pris possession. Que les dieux et les déesses me soient en aide.

Fig. 2. — Versão hebraica por Ladislau Netto.



*Stela de Mesa, descoberta em 1869 por Clermont-Ganneau.
Está no Museu do Louvre*

Fig. 3. — Stela de Mesa, descoberta em 1869 por Clermont-Ganneau.